

O SUJEITO NÃO ENVELHECE: RELATOS DE EXPERIÊNCIA COM GRUPOS TERAPÊUTICOS DE IDOSOS ESTUDANTES DA UAMA (UNIVERSIDADE ABERTA À MATURIDADE)

Raisa Karina Silva Trajano ¹
Vinícius Anselmo Pereira ²
Criscia Delancout Lúcio de Araujo ³
Juliana Fonsêca de Almeida Gama ⁴

RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato das experiências desenvolvidas junto ao projeto intitulado “O sujeito não envelhece: psicanálise e grupo com idosos do grupo de convivência da UAMA (Universidade Aberta à Maturidade)”, fruto de uma disciplina do curso de Psicologia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Com o progresso do envelhecimento da população, caracterizado pela condição de longevidade no presente, cresce o número de idosos e, a partir disso, a necessidade de compreender as transformações ocorridas nessa etapa da vida. O processo de envelhecer se configura como um ciclo que traz mudanças de cunho biológico, psicológico e social, demandando uma construção integral do sujeito na forma de enxergar a si e ao seu meio. Essa elaboração é essencial para alcançar autonomia e emancipação frente à sociedade. Isto posto, viu-se a contribuição que a Psicanálise, como suporte para grupos terapêuticos, pode oferecer, viabilizando a autoafirmação da subjetividade dos participantes do grupo. Visando trabalhar a singularidade dos sujeitos, dentre as sessões realizadas foram feitas duas oficinas. Os resultados demonstraram a necessidade, mas também a possibilidade de romper com o estigma que deixa velada a singularidade dos idosos, percebendo, assim, a importância de ofertar um espaço de fala para esse grupo social. A psicoterapia de grupo realizada mostrou a efetividade da grupalidade como recurso terapêutico e a funcionalidade da atualização do passado, a partir da maneira com que o sujeito se inclui no contexto social, assim como apreende seu corpo e sua identidade, para promoção da qualidade de vida.

Palavras-chave: Psicanálise. Grupo terapêutico. Idosos.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de todo o século XXI, intensas transformações na estrutura populacional ocorreram em todo o mundo, marcando conquistas sociais e políticas, além da incorporação de tecnologias. Segundo Chaimowicz (2013, p.21), o aumento na proporção de idosos é

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, raisatrajano01@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, viniciusanselmop@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, criscia.delancout@outlook.com;

⁴ Professor orientador: mestre em Psicologia pela UFPE, professora substituta da UEPB, julianafgama@gmail.com.

impulsionado, principalmente, pelo declínio da mortalidade, sinalizado pelo aumento da sobrevivência das crianças nascidas e a redução do número de filhos, aumentando a proporção de adultos e idosos.

A partir disso, tornou-se cada vez mais necessária a criação de políticas públicas e áreas de conhecimento científico voltadas ao idoso. Uma delas é a gerontologia, que “foi criada ainda na década de 1930, como uma especialidade interdisciplinar e com vistas a dar suporte à geriatria, cujo campo é predominantemente médico” (GROISMAN, apud CORREA; JUSTO; ROZENDO, 2010, p.42). Esta área serve como alicerce à psicologia no trato às pessoas mais velhas, a fim de proporcioná-las autonomia e emancipação.

Atualmente, tem-se vinculado a elaboração de um projeto de vida como uma forma de bom envelhecimento, algo que motive o sujeito a continuar o seu processo de viver nesse novo estágio da vida. Com esse propósito, muitos são os projetos nos quais os idosos podem se engajar, a exemplo da participação em Clubes, Associações e Conselhos Setoriais, além dos demais espaços sociais de convivência voltados aos idosos.

Pensando nisso, criou-se a UAMA (Universidade Aberta à Maturidade), localizada na UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), que visa proporcionar um aporte teórico aos idosos com mais de 60 anos, em diversas áreas do conhecimento. Esta atividade contribui tanto como forma de projeto de vida quanto para a elaboração de vínculos afetivos, tão importantes às pessoas mais velhas, o que representa um fator de empoderamento, independência e elevação da autoestima.

Partindo, então, do pressuposto de que o envelhecimento é um processo que traz mudanças de cunho biopsicossociais concernentes à passagem do tempo e é uma fase marcada por diversas experiências que são orientadas por valores, metas, crenças e formas próprias de interpretar o mundo (ALMEIDA; CUNHA, 2003, p.11), foi proposta a realização de atividades de grupo psicoterapêutico com os idosos ex-alunos da UAMA, matriculados no grupo de convivência.

Sabendo-se que a velhice é esse fenômeno vivenciado de forma distinta por cada indivíduo, podendo ser marcado por fatores genéticos, estilo de vida ou ambientais o objetivo dos grupos foi questionar e argumentar por uma clínica psicanalítica possível aos idosos; clínica esta que sustenta que o sujeito não envelhece por se tratar do sujeito do inconsciente, estatuto do atemporal; que envelhece é o corpo.

Assim sendo, o presente artigo apresenta os frutos do processo terapêutico coletivo, compartilhando as experiências adquiridas em intervenções realizadas junto aos idosos

matriculados no grupo de convivência da UAMA (Universidade Aberta à Maturidade). Esta atividade esteve vinculada disciplina obrigatória do curso de Psicologia, intitulada Estágio Básico I, fornecida pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba).

Neste processo buscou-se desenvolver um espaço de fala e construção singular de envelhecimento junto aos idosos, contribuindo para ressignificação do lugar do idoso no âmbito acadêmico e social mais amplo, em vias de estimular a promoção de saúde mental na terceira idade. Este movimento alicerçou-se no desenvolvimento, por parte dos alunos, de habilidades de escuta ao sujeito idoso, o que acabou por contribuir para o desenvolvimento de habilidades terapêuticas, habilidades de escuta, além das habilidades sociais.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é fruto da disciplina obrigatória do curso de Psicologia, intitulada Estágio Básico I, fornecida pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que teve como objetivo a aplicação prática de um projeto feito pelo professor orientador. Dessa forma, os estágios básicos são entendidos como uma maneira de mostrar e preparar o aluno para a prática do seu curso, visando elencar, segundo os temas trabalhados, os desafios e o cotidiano dos profissionais daquela área.

Em conformidade com os objetivos previstos, o trabalho aqui composto refere-se a adesão a um dos projetos profissionais do curso, intitulado “O sujeito não envelhece: psicanálise e grupo com idosos do grupo de convivência da UAMA (Universidade Aberta à Maturidade)”.

A priori, os estagiários foram apresentados à turma de convivência, junto ao projeto ora mencionado. Após breve explanação, foi realizado um convite aos idosos para participar de um grupo psicoterapêutico. Aqueles que demonstraram interesse na participação preencheram uma ficha cadastral, que possibilitou o contato para repasse de informações sobre dias e horários dos grupos. Os contatos com os integrantes do grupo eram feitos semanalmente, por meio de ligação telefônica, com vistas a confirmar cada encontro. Cada um destes foi planejado previamente. Ao todo, foram 10 participantes, tanto homens (quatro) quanto mulheres (seis). Ao final, porém, o grupo foi formado por 9 (nove) participantes.

Ao todo foram realizados seis encontros, um a cada 15 dias, sendo que em cada um deles, uma nova temática foi discutida, tendo base em análise do discurso produzido pelos participantes em cada encontro e das demandas que tal discurso ofertava. Os encontros geralmente duravam 1h30min, acontecendo em quintas-feiras alternadas, iniciando-se, quase

sempre, às 09h30min e indo até às 11h30min da manhã. No início do primeiro encontro foi estabelecido um contrato oral e explicada a finalidade da realização do grupo aos membros, em seguida, houve uma apresentação simples.

Especificamente neste trabalho serão analisadas duas oficinas realizadas com o grupo: Dinâmica da Caixa e do Espelho e a Dinâmica das Fotos. A primeira consiste em uma pequena caixa, cujo interior contém um espelho, o que faz com que aquele que a abre possa ver sua imagem refletida e possa falar sobre si mesmo e sobre suas características mais pessoais, sem que se faça necessário dizer sobre quem está falando. Já a segunda, consiste em cada integrante trazer uma foto sua que represente o momento mais marcante de sua vida e que o descreva. Esta atividade teve como objetivo levar os idosos falarem através das situações e experiências retratadas naquelas imagens e, dessa forma, dissessem mais sobre si como objetivo final.

Nesta segunda dinâmica, as fotos dos idosos foram misturadas, para que cada participante pudesse ter contato com a fotografia do outro e falasse sobre o momento que acreditava que ela retratava através de sua experiência e percepção subjetivas. Assim, a dinâmica desenvolveu-se em dois momentos: o primeiro consistindo em descrever o que “diz” a foto do outro; e o segundo, o que “ diz” a sua própria foto.

3. PENSANDO O PROCESSO DE ENVELHECER E AS TÉCNICAS PSICANALÍTICAS

O transcorrer do tempo prevê alterações globais na vida de quem envelhece. De acordo com Zimerman (2000), essas alterações são naturais e ocorrem paulatinamente, modificando as condições físicas, psicológicas e sociais do sujeito. Dessa forma, analogamente ao que ocorre em outras etapas da vida, o envelhecer vai exigir do sujeito novos modos de se posicionar e de se relacionar com o mundo e consigo mesmo – considerando as mudanças que sucedem nesse período.

Partindo do âmbito orgânico, são notórias as modificações corporais que acontecem no processo de envelhecimento. Tais modificações podem ser de ordem externa ou interna. Dentre as externas, observa-se a presença, da perda da elasticidade da pele, manchas, encurvamento postural e a diminuição da estatura, por exemplo. Relativo às mudanças internas, pode-se notar uma lentidão metabólica acentuada, perda neuronal, o endurecimento ósseo, dentre outras alterações (ZIMERMAN, 2000). A partir disso, torna-se necessário enfatizar que o envelhecimento não se configura como uma doença, mas como um período em

que o organismo está mais suscetível ao adoecimento e que, por esse motivo, uma rotina saudável mostra-se de suma importância para uma velhice próspera.

Zimerman (2000) expõe alguns elementos que podem contribuir para uma vida mais satisfatória na velhice, como a prática de exercícios físicos, estimulação da memória, boa alimentação, a participação em grupos, etc. No tocante aos aspectos psicológicos, suas alterações podem provocar dificuldades de adaptação a novos papéis sociais; desmotivação frente ao futuro; necessidade de elaboração do luto perante às perdas físicas, afetivas e sociais; e a presença de quadros de depressão, hipocondria, somatização e outros.

Conforme aponta Herny (2001 apud MUCIDA, 2004), o processo de envelhecimento corresponde ao ato de tomar posição frente às vicissitudes que rompem na vida do sujeito, a posição assumida dependerá de suas capacidades de reserva nas dimensões físicas, psíquicas e sociais.

Destarte, diante de um contexto social que supervaloriza a produtividade, agilidade, juventude e que direciona sua atenção aos corpos, o idoso deve manter-se naquilo que o particulariza, apoiando-se nos significantes que o constituem enquanto sujeito para, então, buscar construir o seu lugar em meio aos discursos que desejam torná-lo um ser ultrapassado. Justamente nesse ponto que a psicanálise, trazendo a tona o inconsciente e suas vicissitudes, abre caminho para a discussão dos envelhecimentos.

3.1 GRUPO TERAPÊUTICO COM IDOSOS EM PSICANÁLISE

O grupo terapêutico surgiu como proposta de atendimento alternativo diante de uma grande demanda para atendimento psicológico por parte dos idosos alunos da UAMA. Destacando a ocasião como oportuna, houve a expansão do método psicanalítico que conseguiu romper com sua aplicabilidade exclusiva no domínio das sessões individuais, trazendo, também, a possibilidade de um atendimento grupal.

Geralmente, o andamento do grupo psicanalítico baseia-se a partir de um grupo fechado. Nesse sentido, há uma orientação para não permitir a entrada de pacientes depois das primeiras sessões. Na atividade aqui descrita este procedimento foi adotado, por perceber que ligação entre os participantes vai se efetivando, abrindo espaço para o agrupamento ocorrer, podendo, assim, a entrada de um novo membro afetar os processos transferenciais. Além disso, há outras características para a formação de grupos terapêuticos, como critérios

peculiares que convoca e sinaliza um grupo específico, no caso dessa atividade, o convite para formação do grupo de idosos.

O movimento do grupo psicanalítico, em sua maior parte, funciona com os mesmos mecanismos que ocorrem em um tratamento psicanalítico individual. Tomando sempre como base o sujeito, foi trabalhada a subjetividade de cada participante, sendo necessária a manutenção e circulação da associação livre por todo o grupo, favorecendo a enunciação como forma da manifestação do inconsciente (JIMENEZ, 1994 apud COSTA-ROSA, PASTORI, 2011, p.02).

Tirando como base o contexto grupal, a transferência acontece como um recurso que visa uma redução de tensão e liberação da enunciação por meio da relação entre os pacientes e o analista. Com isso, há possibilidade de favorecer uma dinâmica inconsciente comum, considerando o relato compartilhado por cada um de grande coerência, constituindo, assim, uma produção de sentido entre o grupo, com base na verbalização durante a sessão (ZIMMERMANN, 1958).

Optou-se por esse meio de trabalho por acreditar que ocorrências do grupo possibilitariam aos estagiários extrair dos participantes interpretações singulares, a partir dos relatos dos mesmos, que iam ocorrendo durante as sessões, podendo ser percebidas repetições, atos falhos, recalques e outras manifestações do inconsciente que facilitam o intervir, promovendo acesso para o inconsciente dos sujeitos e permitindo que tragam à tona uma dor ou trauma que permanece latente.

A clínica psicoterápica constitui-se como um espaço de fala para que o sujeito possa enfrentar seus conflitos e desenvolver suas potencialidades e assim se configura em qualquer fase da vida. Dessa forma, a psicoterapia na velhice vem, assim como em qualquer outro momento da vida, como uma forma de promover a saúde, favorecendo um presente e perspectivas de futuros mais criativos. Por que, então, pensar em um grupo terapêutico com idosos e psicanálise?

A Psicanálise traz uma visão diferenciada sobre o lugar do idoso, compreendendo-o, através de uma visão psíquica, como um sujeito do desejo, afetado física e socialmente pelo envelhecimento, mas psiquicamente em outra ordem elaborativa. Dito de outra forma, para a psicanálise, a estrutura psíquica configura-se a partir de três instâncias, quais sejam: consciente, pré-consciente e inconsciente, que não envelhecem e, assim, o sujeito também não, embora tenha que se haver com as dificuldades do corpo e do mundo.

Esse sujeito de desejo é pulsante e demarca a singularidade do idoso na sua maneira de ser e estar no mundo, bem como o posicionamento que assume na relação consigo e com os que estão ao seu redor. Assim sendo, o trabalho psicoterápico de base psicanalítica desenvolvido com idosos objetiva legitimar a demanda apresentada por eles, considerando suas singularidades.

A escuta psicanalítica com idosos vale-se da utilização de uma atenção fluante, na qual busca-se apreender o que está subentendido, uma vez que no discurso do sujeito do desejo as queixas não se apresentam explicitamente. Assim sendo, busca-se compreender o sujeito envelhecido na sua nova forma de estar no mundo, como também seu modo de investir às relações e de possuir seu corpo envelhecido na sua própria história (MUCIDA, 2004; GIL, TARDIO, 2011). Especificamente a psicoterapia com idosos realizada a partir de grupos terapêuticos abre um espaço para que o idoso possa falar, compartilhar e escutar, envolvido em um clima acolhedor, permitindo-lhe apresentar algo seu de particular e promover uma posterior elaboração do sofrimento.

O grupo terapêutico com psicanálise configura-se, portanto, como um espaço de compartilhamento e elaboração, entendendo-se que, neste processo grupal, a grupalidade originada a partir das relações desenvolvidas dentro do próprio grupo, apresenta-se como recurso terapêutico, uma vez que a transferência grupal é multilateral e cruzada, promovendo uma ligação de significado de todos os seus integrantes (BEHELLI; SANTOS, 2006).

4. RELATOS DA EXPERIÊNCIA COM GRUPOS TERAPÊUTICOS DE IDOSOS ESTUDANTES DA UAMA.

A clínica do envelhecimento permite uma atualização do passado, a partir da maneira com que o sujeito se inclui no contexto social, assim como apreende seu corpo e sua identidade. Desta forma, a psicoterapia de base psicanalítica suscita a emergência do modo de funcionamento psíquico do paciente por meio da transferência, permitindo ressignificação de cenas traumáticas ao sujeito.

A psicoterapia de grupo realizada com pacientes idosos corresponde a um espaço privilegiado, no qual o psicólogo faz uso da grupalidade como recurso terapêutico (BARBIERI; GAMBALE; LOPES; 2009), o que tende a ultrapassar o isolamento e a fragilidade da identidade que tanto angustiam tais sujeitos.

Dessa forma, a primeira intervenção realizada, ao fazer uso da dinâmica “Caixa com espelho”, buscou trazer um real encontro do sujeito consigo mesmo, seu Eu, o qual “vai se

estruturando através de processos complexos de identificações e trabalhos de luto que deixam marcas no Eu, principalmente a relação com os primeiros objetos” (FREUD, 1914/2004, 1917/2006, 1923/2007), permitindo que o Eu não seja algo fixo e estático, mas sim um protagonista em constante processo de estruturação.

Percebeu-se que, dentre os discursos proferidos pelos participantes, houve uma certa recusa em falar de sua condição física atual, pois, quando indagados a falar sobre a imagem que viam refletida, a participante *I.* afirmou buscar movimento em sua vida, por meio de práticas de aula de dança e participação em trilhas, por exemplo. Ao passo que a participante *L.* declarou: “*Procuro ocupar meus dias de domingo a domingo*”. O que demonstra, segundo Cherix (2015), a imagem da velhice como algo a ser evitado, pelo fato de possuir uma conotação negativa do ponto de vista social, fazendo com que idosos digam não se sentirem idosos ou velhos e passar a ocupar, ao máximo, seu espaço de tempo.

À medida que negam seu atual período da vida, os idosos acabam por se utilizar de um dos mecanismos de defesa do Ego, inicialmente estudados por Freud e aprofundados por sua filha Anna Freud. Esse mecanismo é a Negação, no qual, conforme aponta Matos (2018), o sujeito nega uma situação, a fim de proteger a integridade do Ego frente à angústia. Assim, o idoso busca não se identificar com a palavra “velho” ou “idoso” para não se colocar no lugar de negatividade.

Contudo, há que se destacar que o pouco investimento dado ao corpo do velho pelo social, produz graves consequências ao processo de subjetivação (CHERIX, 2015, p.43). Isto posto, acrescenta-se que a psicanalista Ângela Mucida (2009), destaca a libidinização do corpo pela palavra. Partindo do ponto que, “para Lacan, a noção de Outro começa com a descoberta da aproximação entre inconsciente e linguagem [...] (e que) esse Outro é o lugar onde eu recebo a minha própria mensagem de maneira invertida” (DUNKER, 2018), entende-se que, ao estar no campo do Simbólico, o Outro porta significantes, que marcam o sujeito, por vezes, definindo-o enquanto tal. À medida que fala sobre o Outro, o sujeito não fala dele em si, mas sim das marcas que lhe foram deixadas por esse Outro.

Essas marcas são deixadas através da linguagem, visto que “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem (LACAN, 1981, p.135), permitindo inferir que o inconsciente é estruturado como uma linguagem em função do simbólico, que lhe fornecerá toda uma carga de significantes, os quais caberá ao sujeito, através de uma escolha inconsciente e subjetiva, apoderar-se deles ou não, criando seus próprios sentidos às coisas, significantes.

A ditadura da felicidade, segundo matéria da Revista Veja, publicada em 2017, constitui-se como uma forma de conceber a felicidade como algo fixo e não mutável, que compõe o estilo de vida contemporâneo, no qual, se a pessoa não é feliz o tempo todo, certamente está fazendo algo errado. De acordo com esse padrão de felicidade, ser feliz é uma obrigação, o que faz com que pessoas que se mostrem tristes não sejam vistas com bons olhos, chegando a tornarem-se indesejadas.

Em relação à ditadura da felicidade, inúmeras foram as falas que trouxeram-lhe à tona, a exemplo: “*Sou uma pessoa muito feliz e animada (...)*” (L.); “*Vejo uma pessoa feliz, extrovertida e alegre*” (M.), proferidas por algumas participantes no momento de descrever a imagem refletida no espelho. Freud (2010), aponta que o que se denomina como felicidade, no sentido mais preciso, é o resultado da súbita satisfação de necessidade, fortemente postos em êxtase e passível apenas como fenômeno episódico, devido a sua natureza. Pondo em questão a ideia de felicidade eterna, ele coloca que a felicidade é algo efêmero e inteiramente subjetivo. Logo, torna-se válida a compreensão de que é a própria cultura que trata a felicidade como forma de obtenção de prazeres intensos atrelados à ausência de sofrimento, imputando ao sujeito a responsabilidade por ser ou não feliz.

O luto é caracterizado como um conjunto de reações diante de uma perda, sua dor “é tanto parte da vida quanto a alegria de viver, é talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso” (PARKES, 1988, p.22). O que faz com que o luto configure-se como fase da expressão de sentimentos derivados das perdas, em que se apreende a morte como algo real e se estabelece novas concepções acerca do mundo, possibilitando investimentos pessoais.

A velhice corresponde ao período da vida que mais é afetada pelos impactos do luto, visto que são enfrentadas perdas físicas e sociais ao longo do seu percurso. Assim, os idosos costumam assistir amigos, parentes e pais morrem, restando-lhes a saudade, como afirmou uma participante: “*Sinto muita saudade dos meus pais, principalmente da minha mãe, que morreu há pouco mais de um ano*” (M.).

Outra questão que foi observada nessa dinâmica corresponde à ordem transferencial. Arrais; Rufino (2013) reiteram o discurso freudiano de transferência como algo não apenas restrito à situação analítica, mas sim desenvolvido em qualquer relação inter-humana e de que, em um processo grupal, a transferência pode ser deslocada, fazendo com que os conteúdos inconscientes possam circular entre os membros do grupo. Logo, a transferência no

grupo é multilateral e cruzada, dado que implica um entrelaçamento constante de experiências de significado de todos os seus integrantes (BECHELLI; SANTOS, 2006).

Isso ficou bem evidente a partir da segunda intervenção, em que os participantes, além de apresentarem uma maior confiança para escutar e ser escutados, também destinaram, a alguns dos estagiários, afetos direcionados aos seus netos, filhos; e até mesmo a transferência da suposição de um saber, que acreditavam que os estagiários possuíam.

Por fim, é válido destacar que, consoante aponta Mucida (2004), o passado apresenta-se como base de vida do idoso, significando uma atualização do mesmo a partir do momento em que é proferido, o que faz com que haja possibilidade a sua elaboração, ou seja, um fazer as pazes com aquilo que o angustia por longo período de tempo. Dessa forma, ao relatar situações e pessoas contidas em suas fotos, os idosos puderam resgatar suas memórias e vivências mais marcantes, a fim de ressignificá-las.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de envelhecimento constitui-se como algo que se dá ao longo do ciclo de vida do sujeito, sendo marcado por perdas, faltas e frustrações, que estão presentes na clínica do envelhecimento. Frente a tal realidade, o sujeito pode fazer uso de mecanismos de defesa, como a negação, para amparar-se da angústia oriunda desse processo. A subjetividade e a singularidade também são características do envelhecer, do qual faz parte a inquietação imposta pelo encontro, único e particular, entre a realidade do meio externo e a realidade do meio interno, psíquica.

Desta forma, cabe que seja realizado um reposicionamento e autoafirmação subjetiva, que pode ser auxiliado pela realização de grupos terapêuticos com idosos, que visem estabelecer uma ressignificação do lugar do idoso no âmbito social, bem como promoção de saúde e uma qualidade de vida mais satisfatória ao sujeito.

Cabe aqui a ressalva de que a problemática da qualidade de vida em idosos é um campo com muito a ser desbravado e que essa população só tende a aumentar em número ao longo dos próximos anos, havendo a necessidade de um maior desenvolvimento de discussões e pesquisas, tanto para a sua atuação quanto para sua eficácia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.M.O.; CUNHA, G.G. Representações sociais do desenvolvimento humano. In.: ÁVILA, A.H.; GUERRA, M. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 2003 16(1), 147-155.

ARRAIS, A.R.; RUFINO, M.R.D. Sexualidade e aids na velhice: novos desafios para a universidade da terceira idade. **Revista Temática Kairós Gerontologia**. p.221-241.

BARBIERI, N.A.; GAMBALE, C.A.; LOPES, R.G.C. Velhice Contemporânea e atuação do psicólogo. In: ARAÚJO, L.F.A.; FALCÃO, D.V.S. (Orgs) **Psicologia do Envelhecimento: Relações Sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

BECELLI, L.P.; SANTOS, M.A. Transferência e psicoterapia de grupo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 2006, p.110-117.

CHEIXAS, A.A ditadura da felicidade. Disponível em : <https://vejasp.abril.com.br/blog/terapia/a-ditadura-da-felicidade/> Acesso em : 19 mai 2019

CHERIX, K. Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. **Revista SBPH**. Vol. 8, no 1, Rio de Janeiro- Jan/Jul, 2015, p.39-51.

CORREA, M.R.; JUSTO, J.S.; ROZENDO, A.S. Os Desafios da psicologia frente ao envelhecimento populacional. In.: EMIDIO, T.S.; HASHIMOTO, F. (Orgs.). **A psicologia e seus campos de atuação: demandas contemporâneas**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2013. p.15-50.

DUNKER, C.I.L. O que é o Grande Outro para Lacan? **Falando nIsso 56**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?> Acesso em : 10 mai. 2019.

FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol.1). Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. Luto e Melancolia. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol.2). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. O Eu e o Id. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol.3). Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. O mal estar na civilização. São Paulo: Companhia da Letras. 1 ed. 2010. (Trabalho original publicado em 1930).

HAIMOWICZ, F. Transição Demográfica. In.: BARCELOS, E.M.; MADUREIRA, M.D.S.; RIBEIRO, M.T.F. (Orgs.). **Saúde do Idoso**. 2ed. Belo Horizonte: NESCON UFMG. 2013, p.16-26.

LACAN, J. O Seminário III: as psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 2ed., 1985.

MATOS, G. **Mecanismo de defesa do Ego (Freud)**. Disponível em: <http://<<https://giorgiamatos.com/blog/mecanismos-de-defesa-do-ego/>> Acesso em: 19 mai 2019

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus. Rezende, 1998

ZIMERMAN, G. I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.